

# Relato sobre o Projeto 'Pintura na Fachada' idealizado por uma professora/artista e seus desdobramentos reflexivos

MARIANA SOARES LEME

Brasil, professora de Arte do Ensino Básico, Escola Municipal de Educação Fundamental do Município de Campinas. Barcharelado e Licenciatura em Artes Plásticas pela UNICAMP.

Artigo completo submetido a 28 de maio e aprovado a 10 de junho de 2013.

**Resumo:** Este projeto artístico/pedagógico tem como público jovens de escola pública do Ensino Básico, promovendo aproximação entre a Escola e a Comunidade por meio de ação artística, ou seja, pinturas nos muros das casas dos moradores, trazendo a tona novas formas de relações entre os envolvidos direta e indiretamente no Projeto Pintura na Fachada.

**Palavras chave:** Escola / Comunidade, Artista / Professor / Formação.

**Title:** *Report on the Project "Painting the facade" designed by a teacher / artist and their unfolding reflectiveself*

**Abstract:** *This artistic work / teaching has as public youths in public schools of basic education, promoting rapprochement between the school and community through artistic action, ie, paintings on the walls of the houses of the residents, bringing out new forms of relationships between those involved directly and indirectly in the Facade Painting Project.*

**Keywords:** *School / Community / Artist / Teacher / Training.*

## Introdução

O Projeto Artístico/pedagógico "Pintura na Fachada" existe desde 2011 no Jardim São Marcos, periferia da cidade de Campinas no estado de São Paulo (Brasil), idealizado por uma professora de Arte do Ensino Básico da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre José Narciso Vieira Ehrenberg. Este projeto tem como objetivo criar um espaço de integração entre a Escola e a

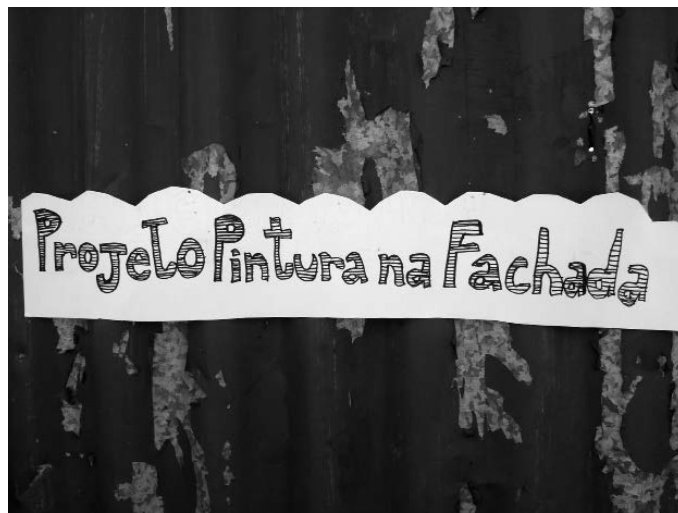


Figura 1. Portão de entrada da sede do Projeto. Fonte: própria

Comunidade do bairro Jardim São Marcos por meio de intervenções artísticas realizadas nos muros das casas dos moradores.

Para iniciar o processo colaborativo de pinturas nos muros, professor/artista juntamente com seu grupo, que chamo nomeio neste artigo como alunos/aprendizes, partíamos para o diálogo com os moradores, por meio de entrevistas, onde levantávamos questões acerca da comunidade. Algumas questões foram apresentadas aos moradores: O que existe na comunidade e que você gosta ou não gosta? O que você gostaria que tivesse na comunidade? Quais são as necessidades da comunidade? A partir das respostas perguntávamos aos moradores quais imagens que poderiam simbolizar a resposta deles, e então partíamos para a produção de imagens, por meio da técnica de stencil para posterior aplicação nos muros das casas. Nos temas a seguir apresentarei aqueles que participaram diretamente do projeto e algumas questões que nos cercaram, colocarei uma descrição breve da metodologia e didática escolhida para a utilização do muro como meio expressivo, algumas colocações sobre estar na comunidade desenvolvendo um projeto de cunho artístico / pedagógico e uma conclusão.

## 1. Participantes do Projeto

### 1.1 O professor/artista

Para relatar da forma mais clara possível esta experiência artístico/pedagógica, teremos um artigo misto de primeira e terceira pessoa, já que ao mesmo tempo em que



**Figura 2.** Produção de stencil. Fonte: própria.  
Este processo artístico/pedagógico possibilitou alguns desdobramentos reflexivos para o artigo.

observo o objeto a ser refletido eu também faço parte dele. Meu nome é Mariana Soares Leme e sou Professora de Arte da Rede Pública de Ensino, leciono para crianças, idealizei e executei o Projeto “Pintura na Fachada” nos anos de 2011 e 2012.

No decorrer de nossas atividades diárias é que descobrimos o que somos. Quanto tempo nos dedicamos a pensar e organizar maneiras de ensinar ao outro? Quanto tempo nos dedicamos a um processo poético? Aos poucos nos construímos profissionalmente por meio daquilo que fazemos rotineiramente, ou pelo menos passamos a ser reconhecidos por aquilo que fazemos na maior parte do tempo. E então me pergunto: o que eu sou? Professora ou Artista?

Dentro do projeto “Pintura na Fachada” é possível experimentar estes dois ‘lados,’ já que ao mesmo tempo em que me coloco a pensar maneiras de envolver os participantes nas atividades, pensando na didática e na metodologia, também disponho-me a pegar o pincel e enfrentar os mesmos dilemas da criação artística, juntamente com o grupo de jovens que estou orientando. Assim, ao longo de dois anos experimentando este projeto, me vejo exercendo as duas funções ao mesmo tempo, as vezes mais artista do que professora, as vezes mais professora do que artista.

Enquanto professora, conviver com meus alunos em sua comunidade traz uma leitura muito mais ampla acerca da personalidade deles e das questões sociais e culturais que fazem parte de suas rotinas, de certa forma, consigo ‘romper o muro da Escola’ que me separa deles em alguns aspectos, uma vez que o espaço formal de educação tenta padronizar e controlar comportamentos por meio de

regras de convívio. Esta experiência da professora estar com seus alunos na comunidade é estimulante para o planejamento das atividades artísticas dentro da sala de aula, consigo elaborar propostas mais coerentes ao perfil dos alunos.

Segundo o pintor Tuneu, "Ir para a escola era uma coisa assustadora, sentia que todo o universo que vinha da escola era muito mitificado, inatingível, só para eleitos."... "Fiquei preocupado em dar satisfação, cumprir alguma expectativa porque, afinal, era uma instituição" (Tuneu, apud Albano, 1999). O artista tem uma maneira própria de organizar seu trabalho, tanto sua criação artística quanto seu trabalho pedagógico, a organização das instituições escolares, dentro da realidade que conheço, de forma geral é conflituante para o artista, principalmente em relação ao tempo e espaço, sem dúvida é uma grande conquista que a arte esteja dentro da grade curricular, mas muitas unidades escolares ainda não apresentam acolhimentos às necessidades específicas do ensino da arte, assim sendo acredito que o Projeto "Pintura na Fachada" por tratar de um tempo e espaço optativo e fora dos limites institucionais conseguem dar vazão para ações artísticas mais potentes.

### 1.2 O aluno/aprendiz

Assim como o professor/artista vivência um experiência dupla, o grupo de alunos que fizeram parte do Projeto Pintura na Fachada, também têm uma dupla experiência artística. Dentro do contexto da Instituição Escolar, de modo geral os alunos recebem enquanto direito e obrigatoriedade uma aula de arte semanal com duração de uma hora e quarenta minutos, onde as atividades desenvolvidas estão relacionadas às Diretrizes Curriculares da Rede Pública Municipal, assim como o Plano Político Pedagógico da Escola. Aos alunos do quinto ano do ensino fundamental (entre 9 e 11 anos) é oferecida a oportunidade de participar do projeto mediante interesse pessoal do aluno e aval dos pais. O aluno passa a experimentar mais duas horas de atividades artísticas durante a semana, digamos que este grupo de pessoas passa a ter um aprofundamento sobre a experimentação artística, aprofundamento que se dará pelo viés das ações artísticas que propusemos na comunidade.

### 3. Como chegar no muro / metodologia e didática

Para um trabalho em grupo, faz-se necessário desenvolver atividades com propósito de criar vínculos entre os participantes por meio do compartilhamento de experiências. O que havia em comum entre nós todos? Todos nós estávamos no mesmo local, cada qual com sua experiência sobre o bairro Jardim São Marcos, a partir daí começamos a construir uma mapa com lugares do bairro que considerávamos mais importantes para cada um, assim começamos a nos conhecer melhor.



**Figura 3.** Trabalhando mistura de cores.

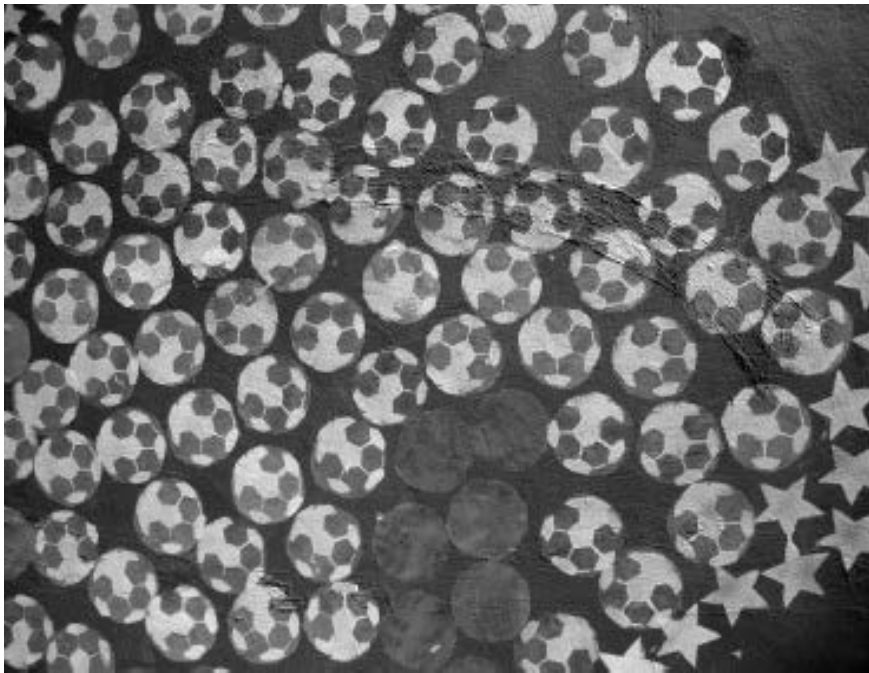
Fonte: própria.

Chegar no muro coletivamente e com confiança pede ao grupo experimentar algumas questões artísticas de cunho técnico como: mistura de cores (primárias, secundárias, complementares), o uso da tinta, elaboração de composição, sobreposição, justaposição, texturas, confeção de stencil, o uso de ferramenta cortante (estilete), etc. Simulamos o momento em que estaríamos pintando o muro, algumas vezes cobrimos uma parede com papel kraft para poder experimentar como é pintar com um rolinho de espuma e numa superfície vertical.

O que nós vamos pintar no muro? Era a pergunta que se colocava para nós. Primeiro foi necessário compreender que o muro apesar de ser uma propriedade privada na maioria das vezes, que pertence a outra pessoa, é um espaço que fica exposto para o lado de fora da casa, é um espaço que convida as pessoas que passam na rua a olharem caso tenha algo pintado ou escrito, neste espaço não podemos colocar apenas coisas nossas, particulares, temos que pensar em coisas maiores, pensamentos que tenham a ver com outras pessoas além de nós. Para isso buscamos o diálogo com os moradores, levantando questões sobre o Jardim São Marcos e as possibilidades de simbolizar essas mensagens por meio de imagens colocadas nos muros, buscávamos saber o que os outros queriam pintado no muro.

#### **4. Juntos atuando e descobrindo a Comunidade**

Segundo a artista plástica Fayga “O ideal no ensino é poder partir de conhecimentos e da vivência das pessoas” (Ostrower, 2000: 1) relatando sua experiência sobre como foi ensinar arte para operários de uma fábrica. Ali no nosso



**Figura 5.** Apropriação do espaço por meio de pintura no muro. Fonte: própria.

encontro dentro do Projeto “Pintura na Fachada”, professor/artista e aluno/aprendiz experimentavam novas formas de relacionarem-se e interagirem com a comunidade. Eu pouco conhecia a comunidade do Jardim São Marcos, mas podia propor a eles uma experiência como aquele lugar por meio da arte, já o grupo de alunos/aprendizes tinham muito a me ensinar sobre a comunidade e podíamos explorar os lugares ainda não conhecidos, assim estabelecíamos uma troca a partir de nossas vivências pessoais.

Por meio de ações artísticas pensadas com o intuito de explorar o espaço e nossa maneira de relacionar-se, caminhávamos pela comunidade para compreender quais eram essas relações e as possibilidades de intervenção. Experimentamos pensar cor e forma para a construção de pipas que depois alçaram voo para ocupar a paisagem, brincamos de esconder pistas pelas ruas para estimular a atenção e a memória, desenhamos mapas no chão representando uma realidade vivida e uma realidade sonhada. As experiências semanais construíam para nós uma memória e um reconhecimento enquanto grupo pertencente a comunidade, buscávamos ocupar aquilo que considerávamos nosso lugar. “Eu vim para a periferia para formar vínculos” (Nador, 2012) afirma a artista plástica Mônica pautando-se na experiência que obteve no Jardim Miriam, periferia da cidade de São Paulo, neste projeto a artista buscava novas formas de relações para além do circuito tradicional de arte. Propor-se a criar vínculo é um grande alicerce para qualquer trabalho que tenha intuito de aprofundamento, desde o início de minha relação de trabalho com a Escola Pública e com a Comunidade do Jardim São Marcos a necessidade de pertencer àquele local fazia-se presente, com o passar do tempo realizar este projeto começava a fazer parte de minha identidade enquanto artista e professora, fez e ainda faz parte de minha formação.

### **Conclusão**

Ao longo de dois anos de projeto observo essa iniciativa artística/pedagógica ainda embrionária, trabalho experimental e com potencial. “Os militantes do bairro já entendem que, além de educação e saúde, cultura também é um direito, que serve para as pessoas criarem redes de sociabilidade” (Nador, 2012). Para que este entendimento acontecesse, a artista plástica Mônica Nador trabalhou durante quase dez anos na comunidade do Jardim Miriam, penetrar e criar vínculos com uma comunidade numa esfera mais ampla requer dedicação. Porém mesmo com o curto tempo de vida do Projeto “Pintura na Fachada,” podemos apontar para conquistas não mensuráveis como a qualidade das relações entre os participantes do projeto, fomento de reflexões sociais e culturais por meio de um fazer artístico poético e engajado, conquista e apropriação de espaços expressivos coletivos em espaço público, foi possível experimentar a

arte como forma de encontro de pessoas que compartilharam valores culturais e estéticos diferentes.

#### **Referências**

- Albano, A. A. M. (1999) *O espaço do desenho: a educação do educador*. São Paulo: Loyola. ISBN: 85-15-00456-9
- Albano, A. A. M. (1998) *Tuneu, Tarsila e outros mestres — o aprendizado da arte como um rito da iniciação*. São Paulo: Plexus. ISBN: 85-85689-43-9
- Nador, M. (2012) "Mônica Nador democratiza a arte em SP." *Revista Eletrônica Brasileiros*. São Paulo [Consult. 2012-04-11] Disponível em URL: <http://www.revistabrasileiros.com.br>
- Ostrower, F. (2004) *Universos da Arte*. São Paulo: Campus. ISBN: 85-352-1261-2